

Reflexões acerca das práticas de tradução e revisão de textos e de parâmetros para a formação de tradutores e revisores¹

Rivânia Maria Trotta Sant'Ana*
José Luiz Vila Real Gonçalves**

Resumo

Nosso propósito neste artigo é fazer algumas reflexões sobre as atividades de tradução e revisão de textos e também sobre parâmetros para a formação de tradutores e revisores, levando em conta a necessária interlocução entre esses profissionais. Nesse sentido, mencionamos uma experiência de ensino desenvolvida a partir da implantação do Laboratório de Tradução e Revisão de Textos do Curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa; Revisão de textos; Tradução; Formação de revisores; Tradutores.

Rubem Alves, no texto “Sobre gramáticos e revisores”, publicado no **Portal Aprendiz**, em janeiro de 2009, afirma que os revisores são seres obedientes que sofrem dois tipos de tirania: a dos gramáticos e a dos textos dos escritores a que têm que se submeter. O sofrimento ocorreria porque, segundo o autor, “o revisor não gosta de ser revisor. Ele queria mesmo era ser escritor” (ALVES, 2009, s.p.). Para Rubem Alves, esse desejo e o despreparo ou a insensibilidade de alguns revisores resultariam em danos ao texto revisado. Marcos Bagno, em texto publicado também em 2009, na coluna Falar Brasileiro, da revista **Caros Amigos**, ao se queixar das intervenções de revisores em suas traduções, declara:

os revisores que trabalham nas nossas editoras pertencem a uma seita secreta com a missão de boicotar ao máximo o português

1 – Dedicamos este texto à saudosa Professora Irene Hirsch, com quem inauguramos o Laboratório de Tradução e Revisão de Textos no Curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, criando um espaço de interlocução para tradutores e revisores em formação, com o objetivo de preparar mais adequadamente nossos alunos para a atuação nessas áreas.

*Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto.

**Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto.

brasileiro, impedir que ele se consagre na língua escrita, para preservar tanto quanto possível a norma-padrão obsoleta que eles julgam ser a única forma digna de receber o nome de “língua portuguesa”. (BAGNO, 2009, p. 14).

O autor termina sua coluna exortando os profissionais da revisão ao estudo para aprenderem “como se fala e se escreve o português do Brasil”.

A exemplo dos comentários referidos, é recorrente encontrarmos na mídia queixas de escritores e tradutores sobre as intervenções equivocadas cometidas em seus textos por inábeis revisores. Por outro lado, não são incomuns os desabaços destes quanto ao fato de só serem lembrados quando algum problema escapa a seu olhar atento. A visibilidade do trabalho dos revisores só se daria, portanto, pela falha; quando a publicação sai impecável, ninguém se lembra de que o revisor contribuiu para esse resultado, juntamente com inúmeros outros profissionais, como editores, copidesques, preparadores textuais, revisores técnicos, diagramadores, ilustradores, entre outros. Todo texto publicado é resultado do trabalho de muitas pessoas, que desenvolvem atividades ligadas à produção de livros, jornais, revistas, impressos em geral e, atualmente, também ligadas à produção de *sites*, *e-books*, enfim, de textos virtuais. Todas essas atividades são imprescindíveis para a produção desses materiais.

Apesar da necessidade e da importância do trabalho de equipe para a produção e divulgação dos textos nos diversos suportes em que eles circulam na atualidade, as relações entre autores, tradutores, copidesques, revisores e preparadores textuais, porém, nem sempre se dão com tranquilidade. É verdade que, muitas vezes, as queixas procedem: há escritores e tradutores menos experientes, menos acessíveis a uma interlocução com copidesques, revisores e preparadores textuais; assim como há copidesques, revisores e preparadores textuais igualmente menos preparados, menos experientes, menos conscientes das possibilidades e dos limites da sua atuação. Parece ser verdadeiro também que as questões ligadas à autoria e a falta de interação entre esses profissionais, por quaisquer que sejam os motivos, dificultam o entendimento entre eles, com consequente prejuízo para o texto final e insatisfação com o processo de edição por todos os envolvidos com a produção, preparação e revisão do texto. (ANDERSON, 2005).

Neste artigo, pretendemos refletir sobre a prática e a formação de dois atores do processo editorial, o revisor e o tradutor, apresentando uma experiência desenvolvida no Curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto com o objetivo de preparar os estudantes para as exigências das atividades de revisão e tradução e para o trabalho colaborativo.

As tarefas do revisor de textos e do tradutor e alguns parâmetros para a sua formação

A tarefa do revisor de textos não é algo simples, ela exige desse profissional várias habilidades e conhecimentos específicos, além de suscitar muitas questões, dentre as quais ressaltamos as seguintes: quais os limites da função do revisor, até onde ele pode interferir no texto alheio, sem ferir o estilo do autor, sem prejudicar a autoria; como se forma um bom revisor; é possível ensinar a fazer revisão de textos ou o revisor se faz na prática; o revisor é, ou deve ser, o guardião inflexível das normas da gramática tradicional; a atuação desse profissional deve ser visível ou invisível? Não é nosso objetivo, com este artigo, responder a todas essas questões complexas, mas trazê-las à tona, para mostrar o terreno arenoso em que pisa o revisor de textos.

Quanto aos limites da interferência desse profissional, não há muita clareza, pois a demanda difere nas diversas propostas de trabalho. É comum encontrar pessoas que precisam e até desejam que o revisor interfira radicalmente no texto, (quase) atuando como coautor. Outras vezes, o que se espera é que a revisão fique restrita aos aspectos gramaticais, ou à checagem da superfície textual, em busca dos problemas de digitação, da padronização dos tipos, enfim, de todas as “gralhas” que possam existir no texto. Essa última expectativa, embora pareça mais fácil de atender, na verdade não é, pois o texto é muito mais que apenas sua superfície. O revisor é, antes de tudo, um leitor e, como tal, está sujeito à subjetividade, isto é, à projeção de pontos de vista decorrentes de suas filiações, do lugar adotado, conscientemente ou não, para a interpretação. Se toda edição é uma interpretação, e a editoração, uma forma de crítica, como bem nos lembra Nestrovski (1996), é porque cada etapa da editoração configura uma leitura. Se esse pressuposto é percebido com maior clareza como válido para a tradução, nem sempre o é para a revisão, o que gera as mais ferozes críticas aos revisores.

Quanto às habilidades necessárias ao desenvolvimento da atividade de revisão, podemos citar atenção, persistência, dedicação, foco nos detalhes da superfície textual, percepção global do texto, senso crítico, capacidade de análise e de síntese. É importante ressaltar também que o profissional da área de revisão deve ter interesse pela pesquisa, além de precisar ser, no mínimo, bom leitor e escritor, no sentido de que deve apreciar essas atividades e desenvolvê-las com fluidez, competência e segurança.

Para além da visão estereotipada que perpassa o imaginário sobre esse profissional, focada na imagem da pessoa conservadora e inflexível, guardião

das normas da Gramática Tradicional, à procura de “erros” gramaticais e ortográficos, a tarefa do revisor exige uma ampla gama de conhecimentos. Ele precisa ter conhecimento profundo da língua, em seus aspectos sintáticos, lexicais, morfossintáticos e semânticos. Precisa também ter conhecimento dos diversos registros, usos e modalidades da língua. Deve ter conhecimento dos gêneros, de seus domínios discursivos e territórios de circulação, dos diversos suportes por meio dos quais os textos são veiculados: não se pode revisar um artigo científico da mesma forma como se revisa um artigo de opinião de uma revista de variedades, pois, para esses diferentes gêneros, as exigências quanto ao grau de formalidade, ao uso do léxico, à escolha dos mecanismos de textualização são também diferentes. O revisor precisa ter em mente que todo texto é escrito para um público específico e, ao proceder à revisão, deve considerar o público almejado pelo autor. Além de tudo isso, é importante, nos dias de hoje, que os revisores saibam utilizar os novos recursos tecnológicos úteis à sua prática e que saibam trabalhar colaborativamente, em equipe. A utilização dos novos recursos tecnológicos pode facilitar a interação entre os profissionais ligados à produção do texto e, conseqüentemente, a execução das tarefas. É preciso também que o revisor tenha constituído, ao longo da vida, durante sua formação acadêmica e na prática de sua atividade, uma base de conhecimentos gerais. Se for trabalhar em editora, é necessário que conheça os sinais utilizados para a revisão naquela empresa específica. Enfim, para ser um bom revisor, é preciso amor pela leitura e pela escrita, exercício contínuo de leitura, uma formação sólida na área de estudos linguísticos, conhecimentos gerais, tudo constituindo o substrato de conhecimentos que será a base das interpretações que deverá fazer dos textos a serem revisados. Além disso, é preciso experiência para saber utilizar esse substrato de conhecimentos no momento da leitura, tendo em vista a interpretação mais adequada, e, ao mesmo tempo, para saber também deixá-lo em suspenso, abstrair dele, a fim de desautomatizar o olhar e ver com acuidade apenas a superfície textual, mesmo que momentaneamente, enxergando os aspectos formais como estão de fato no texto, para perceber as famigeradas “gralhas”. É preciso saber fazer esse movimento do olhar da superfície para a profundidade e vice-versa. Além disso, é necessário ter uma dose de humildade para saber qual é o limite da sua atuação e para saber também que, de forma “inexplicável”, alguma “falha” sempre passa despercebida.

Durante muito tempo, os revisores de texto se fizeram na prática, e o que se exigia deles era, principalmente, grande conhecimento das normas gramaticais. Atualmente, com todo o volume de conhecimento produzido na área da linguagem, com a proliferação de gêneros textuais e as exigências de uma sociedade cada vez

mais sustentada por práticas de letramento, as exigências são muito maiores. Apesar disso, são recentes os cursos de formação de revisores, normalmente *workshops* e cursos de extensão criados principalmente para atender à demanda da atualização dos profissionais já inseridos no mercado de trabalho. Iniciativas louváveis e necessárias, mas, pelo formato e duração desses cursos, insuficientes para uma formação mais consistente do revisor. Além disso, são poucas as publicações sobre o tema, normalmente manuais com algumas orientações sobre como organizar o trabalho, com a reprodução de normas gramaticais da modalidade escrita culta da língua portuguesa e com os sinais a serem utilizados para a comunicação com o preparador textual, sinais que normalmente não são utilizados quando não se trabalha em editoras.

É clara para nós, portanto, a necessidade de uma formação sistemática e consistente dos profissionais da área de revisão de textos. Consideramos que o Curso de Letras, nos níveis da Graduação e da Pós-graduação, é, embora não o único, lugar privilegiado para essa formação. Exatamente por ser onde o conhecimento acerca da língua e dos seus usos é produzido, aprofundado e discutido.

Quase tudo o que se disse para o revisor de textos também se aplica ao tradutor. Assim como o revisor de textos, o tradutor enfrenta uma série de problemas em relação à execução de suas tarefas profissionais. Muitas vezes, também é alvo de preconceitos e julgamentos equivocados e superficiais por parte de outros tantos atores do mercado editorial, assim como do público leigo. Deste modo, é importante refletirmos sobre o papel ou a tarefa desses atores e também sobre como lidar com os habituais conflitos envolvendo tradutores, revisores e demais profissionais da área editorial, sem deixar de refletirmos sobre o planejamento e a implementação didático-pedagógica da sua formação profissional no âmbito acadêmico.

Do ponto de vista teórico, consideramos a tarefa do tradutor algo menos idealizado, menos metafísico do que se propõe no ensaio seminal de Walter Benjamin (1979) sobre o tema. Preferimos vê-lo muito mais como um agente protagonista nas interações interlinguais e interculturais, sem com isso diminuir a relevância de seu trabalho. Deixando de lado, assim, o papel messiânico proposto no trabalho de Benjamin e nos concentrando na tradução como um processo de comunicação/interação interlinguística e intercultural, em que a difusão e a troca de conhecimentos culturais, tecnológicos e ideológicos, entre tantos outros, se realizam em grande escala no mundo moderno, discutiremos a complexidade das tarefas do tradutor.

Um ponto que sempre está relacionado à tradução, especialmente no que concerne à sua definição e à avaliação dos produtos tradutórios, é o conceito de

fidelidade ou de equivalência. Muitos dos estudos teóricos e empíricos da tradução têm demonstrado com vasta e consistente argumentação que as noções tradicionais de fidelidade e equivalência são muito pouco ou nada produtivas para a descrição, explicação e avaliação dos fenômenos linguísticos em geral e, especialmente, da tradução. A ideia do texto como uma representação cartesiana, objetiva e invariável de um pensamento, ou conjunto de pensamentos, e de sua tradução como mera decodificação e recodificação em uma segunda língua, resultando em um texto alvo equivalente e fiel ao texto fonte, encontra flancos empíricos e teóricos das mais diversas ordens.

No outro extremo do contínuo conceitual da tradução, encontramos a liberdade exacerbada, em que o tradutor ganha *status* de autor e pode “intervir” de forma mais ativa e explícita na retextualização tradutória. É o que podemos depreender de vertentes teóricas, como a Desconstrução aplicada à tradução (ARROJO, 1992; 1993), que defende a fluidez da significação ao longo do tempo e do espaço, postulando ser cada leitura de determinado texto, e conseqüentemente cada tradução, a criação de um novo texto que se dá pela conjunção dinâmica de novos sujeitos em novos contextos socioculturais, produzindo novos significados.

Entre os extremos da fidelidade/equivalência utópica e da liberdade absoluta e autoral, o tradutor se valerá do bom senso e da ponderação para se colocar como profissional ético e norteado pelos parâmetros definidos pelo respectivo polissistema tradutório, que é constituído por atores de diversas ordens, tais como editores, difusores culturais, definidores de políticas educacionais, artísticas e científicas, revisores, críticos e pesquisadores da área, além de outros tradutores. Nesse sentido, a tarefa do tradutor não se define de forma fechada e objetiva, mas se constitui por meio de um contexto complexo, no qual atuam forças de diversas naturezas.

Levando em conta a cristalização do bordão milenar *traduttori traditori*, verificamos que o tradutor vem sofrendo um enorme preconceito e depreciação ao longo da história, carregando uma culpa consciente ou inconsciente pela impossibilidade de se atingir o ideal da fidelidade e da equivalência plenas na tradução de textos. Todavia, como discutimos acima, seu papel não é decodificar e recodificar significados estanques contidos no texto. Tampouco seria o de realizar interpretações totalmente livres e sem um vínculo direto e ético com o texto fonte e seu autor, como defendem os adeptos da liberdade na tradução.

Do mesmo modo que o tradutor, o revisor de textos lida com esse conflito entre a liberdade de expressão e a fidelidade aos textos. Ambos acabam sofrendo críticas, às vezes demasiado severas e injustas, com relação ao seu trabalho. Mas

as relações mostram-se ainda mais complexas quando se considera que tradutor e revisor não são os únicos atores no processo de tradução e revisão de textos. Como mencionamos acima, editores, críticos, difusores culturais, definidores de políticas educacionais, artísticas e científicas e pesquisadores da área constituem um polissistema complexo que estabelecerá parâmetros e restrições para a atuação profissional de tradutores e revisores. Num primeiro momento, do ponto de vista profissional, espera-se do tradutor uma tradução “correta”, “equivalente” em termos semânticos, estilísticos e pragmáticos, “fiel” ao texto fonte, escrita de forma adequada; do revisor, espera-se que apure a correção gramatical e a adequação estilística do texto, não intervindo no seu conteúdo e no seu estilo. Para ambos os profissionais, essas metas representam atividades de alto risco, tendo em vista a sua imponderabilidade em diversos casos. Além disso, há de se considerarem outras forças inexoráveis no processo de tradução e revisão, entre as quais podemos destacar os objetivos específicos dos diversos atores editoriais. Mais uma vez, não podemos ser ingênuos e pensar que a tradução se constitui como mero processo de decodificação e recodificação linguística, e a revisão como correção e adequação gramatical e estilística do texto, uma vez que a publicação de textos tem uma finalidade não só informacional, educativa ou lúdica, mas também, e principalmente, política, ideológica, econômica etc.

Deste modo, diversos conflitos poderão ocorrer ao longo da tradução e revisão de um texto, em que os papéis dos tradutores e dos revisores serão muitas vezes revistos e renegociados. Desejar ou buscar a neutralidade e a invisibilidade de ambos, tradutor e revisor, é praticamente uma utopia, ainda que seja um direcionador para as atividades nessa área. Aqui, então, a questão não é delimitar de forma absoluta os papéis de tradutores e revisores, mas permitir que a atuação de cada um deles seja coordenada e produtiva, levando a um produto mais adequado às finalidades em questão.

Enfim, para minimizar tais conflitos, é fundamental que haja um canal de comunicação aberto permanentemente entre tradutores, revisores e demais atores editoriais e culturais envolvidos na produção e tradução de textos, de modo que as tarefas e os limites de cada um sejam considerados pelos outros. Em outras palavras, o trabalho colaborativo e em equipe, com a interlocução permanente entre todos os atores, é fundamental para a viabilização dos processos de tradução e revisão de textos, ainda que, infelizmente, por diversos motivos, não seja ainda efetivamente realizado no âmbito das editoras.

A proposição e a implantação do Laboratório de Tradução e Revisão de Textos do Departamento de Letras da UFOP buscaram, justamente, favorecer a

interlocução e a colaboração entre os dois tipos de profissionais já durante a sua formação acadêmica, visando à sua melhor qualificação. Esse Laboratório foi criado no ano de 2007 e teve como coordenadoras uma professora do setor de Língua Portuguesa, responsável pelas disciplinas Prática de Revisão de Textos I e Prática de Revisão de Textos II,² e uma professora do setor de Tradução. Nesse espaço encontram-se dicionários, computadores, enfim, material de apoio para as aulas de tradução e revisão, que ali acontecem. Além da utilização do espaço para as aulas, as professoras envolvidas no projeto trabalharam colaborativamente e possibilitaram que seus alunos fizessem o mesmo, ao desenvolverem um projeto conjunto de ensino de tradução e revisão de textos. Nesse projeto, os textos traduzidos pelos alunos da turma de tradução, depois de devidamente trabalhados e discutidos por essa turma, eram revisados pelos alunos da turma de revisão. Após a revisão individual e a discussão das diversas revisões por toda a turma da Prática de Revisão de Textos, as duas turmas se reuniam e, então, aprendizes de tradução e revisão, juntamente com suas professoras, discutiam cada texto. Esse trabalho foi muito produtivo; as decorrências dele para a vivência das duas línguas, inglês e português, para o desenvolvimento da consciência sobre as variáveis envolvidas nas práticas de tradução e revisão e a compreensão da heterogeneidade constitutiva dos textos e do próprio exercício da linguagem foram muito além das nossas expectativas. Além disso, toda a experiência contribuiu para uma visão mais clara da natureza dessas práticas e da necessidade de os profissionais se disporem a trabalhar colaborativamente.

Algumas considerações finais

Considerando a discussão aqui desenvolvida, podemos afirmar que, em termos concretos, toda a problemática observada nos complexos processos de tradução e revisão pode ser minimizada e a produtividade e a eficiência do tradutor e do revisor podem ser melhoradas por meio da observação e da implementação de parâmetros curriculares para a formação desses profissionais.

Em relação ao tradutor, é importante considerar a transdisciplinaridade das competências exigidas para a sua formação profissional. Entre elas, podemos destacar as competências linguística e interlinguística, cultural e intercultural,

2 – O relato dos fatos que levaram à implantação dessas disciplinas foi publicado como artigo no livro **Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa**, organizado pelas Professoras Regina Lúcia Péret Dell'Isola e Eliana Amarante de Mendonça Mendes. (DELL'ISOLA; MENDES, 1997, p. 131-139).

terminológica, temática, pragmática e estratégica, conforme discutem Gonçalves e Machado (2006). Diante desse quadro complexo, o tradutor precisa ter uma formação aprofundada nas áreas de Letras, especialmente no que concerne ao estudo das línguas e das culturas envolvidas no par linguístico com o qual trabalha, ao conhecimento de temas específicos (técnicos ou artísticos), ao conhecimento metalinguístico e pragmático envolvido na produção de textos e na sua retextualização em outras línguas e contextos culturais, além de conhecimentos teóricos e históricos sobre a tradução. Desse modo, insistimos que traduzir é uma atividade extremamente complexa e que ainda está longe de ser resolvida por processos inteiramente automáticos, mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico e computacional que observamos atualmente.

No que diz respeito ao revisor de textos, as competências necessárias ao desenvolvimento de sua tarefa também se destacam pelo caráter transdisciplinar, incluindo a competência linguística, com toda a complexidade com que ela se constitui e que implica conhecimento da estrutura da língua, do léxico, da textualização, de estratégias de dizer e de produção de sentidos, da historicidade dos dizeres e dos sentidos, dos domínios discursivos nos quais se inscrevem os gêneros etc. Além de conhecimentos gerais das culturas e das diversas áreas temáticas e teóricas às quais se filiam os textos com que o revisor deve trabalhar.

É nesse sentido que consideramos os cursos de Letras como lugares privilegiados para a formação sistemática e consistente de revisores e tradutores. Naturalmente, consideramos também que toda a formação teórica, embora imprescindível, não basta; é preciso criar condições para o exercício das tarefas já durante a própria formação acadêmica, para que os alunos possam ter a oportunidade de refletir e discutir sobre as etapas dessas tarefas e os problemas que elas colocam, na busca de soluções para eles. O tempo e o espaço da Graduação propiciam tudo isso, e mais, propiciam também o aprendizado do trabalho colaborativo num ambiente que ainda não é competitivo como o do mercado de trabalho, cabendo à Pós-graduação o aprofundamento desse aprendizado.

Tudo o mais para a formação desses profissionais virá dos saberes produzidos por eles ao longo de sua trajetória, de suas práticas, de seu investimento na formação continuada e nas preciosas trocas a que se propuserem com todos os outros profissionais do processo editorial.

Abstract

Our aim with this paper is to present some reflections on translating and revising activities and also on the parameters required for translators' and revisers' professional qualification taking into account the need for interlocution between these two types of professionals. In order to substantiate the discussion, we mention a teaching/learning experience developed through the Text Translation and Revision Laboratory implemented at Federal University of Ouro Preto, Brazil.

Key words: Teaching of Portuguese language; Text revision; Translation; Revisers' and translators' professional qualification.

Referências

ALVES, Rubem. Sobre gramáticos e revisores. **Portal aprendiz**. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br>> . Acesso em: 15 maio 2011.

ANDERSON, Flávia Carneiro. A (não) relação entre tradutores e copidesques no processo de edição de obra estrangeira. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 2, p.37-67, 2005.

ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992.

BAGNO, Marcos. Deixem eu ser brasileiro!. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 143, p. 14, fev. 2009.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. **Humboldt**. Trad.: Fernando Camacho. MUNIQUE, F. Bruckmann, n. 40, p. 38-45, 1979.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real; MACHADO, Ingrid Trioni Nunes. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução da UFSC**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 45-69, 2006.

NESTROVSKI, Arthur. Edição como interpretação. In: NESTROVSKI, Arthur. **Ironias da modernidade**. São Paulo: Ática, 1996. Cap. 5, p. 95-99.

SANT'ANA, Rivânia M. T.; SOUZA, Mônica S. O ensino de Língua Portuguesa para o 3º grau: relato da experiência "Oficina de Produção de Textos". In: DELL'ISOLA, R. L. P.; MENDES, E. A. de M. (Org). **Reflexões sobre a língua portuguesa**: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1997. p. 131-139.